

Uma reflexão sobre o estágio do design em nosso país

Fabio Mestriner

Quando comecei no desenho, e lá se vão quase 30 anos, eu não conhecia o design. O que havia próximo de mim nesta época eram as artes e os artistas gráficos.

Ainda não havia chegado o mundo digital e vivíamos a era dos “recursos e efeitos gráficos” obtidos no fotolito pelo trabalho integrado de desenhistas e técnicos de artes gráficas.

Contemplávamos maravilhados o trabalho internacional apresentado pela revista Graphis, a bíblia do setor, onde todo mundo aprendeu vendo o trabalho dos mestres do mundo desenvolvido. O design por aqui já existia e possuía pioneiros de qualidade como: Rubem Martins, Wolner, Aluísio Magalhães e outros tantos que ajudaram a construir a fase heróica da profissão e do fazer profissional que precisava ser explicado a cada apresentação numa verdadeira catequese, convencendo os empresários de então o que era o design e qual importância ele tinha em relação aos seus negócios.

Hoje já vão longe estes tempos e tudo se transformou. Vivemos a era digital e os “recursos e efeitos” foram transformados numa miríade de possibilidades mirabolantes ao alcance de um click. Existem escolas, um mercado que não para de crescer, agências e escritórios organizados em entidades representativas, prêmios, publicações, sites especializados. Um mundo, enfim, foi construído.

Este cenário exuberante que hoje nos coloca praticamente emparelhados com o que se faz no design mundial é motivo de orgulho para todos aqueles que de alguma forma acreditaram e contribuíram para que no Brasil de hoje o design fosse considerado uma atividade madura e profissionalizada.

Posso afirmar com tranquilidade que o design brasileiro hoje já alcançou o nível internacional e começa a ser reconhecido assim como aconteceu com a nossa propaganda nas premiações internacionais. As novas gerações que hoje deixam as escolas e buscam seus estágios e primeiros empregos, um campo ainda com amplas possibilidades de expansão se apresenta. Ainda há muito a ser desbravado, mas não é fácil entrar no mercado. Recebemos nas agências dezenas de pedidos de estágios, curriculuns buscando colocação.

Aos que buscam entrar no design como atividade profissional é fundamental que desenhem, que gostem de desenhar, que carreguem consigo um caderno para desenhar, anotando na forma de desenho o que pensam, o que sonham, o que imaginam. O designer deve ter o desenho como linguagem pessoal. Precisa ter no desenho uma forma de expressão vital, necessária, sem a qual sua comunicação não está completa. Precisa saber registrar e transmitir idéias, propostas, projetos e objetivos. Não dá para querer ser designer sem desenhar.

Para aqueles que gostam de desenhar não há limites, pois ainda que não estejam empregados, podem se exercitar em projetos imaginários, porque não há nada que os possa impedir de desenhar.

Eu costumo dizer que o bom desenho é valor genuíno e vence por si próprio, não precisa que o defendam. Quem quer abraçar esta profissão, precisa desenhar e estudar desenho como disciplina, pois isto é o fundamento maior da nossa profissão.

Disponível em: <http://www.designinverso.com.br/mainframe/viewarticle.asp?article_id=2>.

Acesso em: 6 jul. 2009.